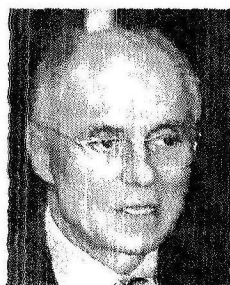




## A mãe-coragem brasileira



Eduardo Suplicy,  
Senador (PT-SP)

D S T Q Q S S

A CULTURA POPULAR, SEMPRE SÁBIA, lembra que a força de uma mãe vale mais que um exército. A vida de Zuzu Angel prova isso. Sexta-feira, 14 de abril, fez 30 anos de sua morte trágica. Como diziam seus amigos, "ninguém podia com a força dela". Força de mãe.

A música *Angélica*, de Chico Buarque, gravou para sempre na memória brasileira a luta de Zuzu para encontrar seu filho Stuart, o Tuti, como ela o chamava, torturado durante a ditadura militar e até hoje desaparecido: "Quem é essa mulher/ Que canta sempre esse estribilho?/ Só queria embalar meu filho/ Que mora na escuridão do mar...", diz a música, que também teve problemas com a censura do governo militar.

Stuart Angel Jones tinha pouco mais de 20 anos quando foi preso pelo DOI-CODI no Rio, por pertencer aos quadros do Movimento Revolucionário 8 de outubro, o MR-8, que lutava contra a ditadura. Levado para a Base Aérea do Galeão, segundo relatos da época, sofreu toda sorte de torturas e humilhações, até que foi amarrado no pára-choque de um jipe, com a boca no cano de escapamento. Morreu por asfixia, morreu por esfolamento, durante as várias voltas do jipe no pátio do quartel. É cruel demais para continuar.

Imaginem como foi terrível para Zuzu, a mãe de Stuart, receber uma carta com o relato de um companheiro dele que testemunhou sua morte em

1971. Imaginem que dura foi a notícia para a jornalista Hildegard Angel e para Ana Cristina, as outras duas filhas de Zuzu, que estiveram ao seu lado até o fim.

As três transformaram a dor em luta, e Zuzu colocou sua criatividade a serviço da busca de Stuart e do protesto contra a ditadura. O corpo de Stuart jamais foi encontrado. Dizem que foi jogado ao mar.

Zuleica Gomes Netto é mineira de Curvelo, a cidade cheia de história e cultura. Nasceu em 1921. Desde cedo desenhava e costurava para as amigas. Depois, no Rio, sua criatividade explodiu em peças que usavam as cores e materiais brasileiros, com estampas de papagaios e borboletas. Foi Zuzu quem des-

cobriu o tal "jeitinho da mulher brasileira". Exportou sua moda nos anos 60, tinha Kim Novak, Lisa Minelli, Joan Crawford e outras estrelas de Hollywood como clientes e amigas.

Mas Zuzu também costumava dizer: "Quero criar para todas, e não apenas para as que copiam figurinos vindos da Europa". Foi a primeira estilista a juntar moda e democracia. Queria ver suas estampas coloridas nas calçadas, queria ver a renda de bilro – tão brasileira – nos desfiles.

Essa era a Zuzu que surpreendeu muitas passarelas internacionais com suas "novidades do Brasil", e que, ironicamente, foi surpreendida pela tragédia que vivíamos no Brasil daquela época. E foi a esse mundo da moda internacional,

**Zuzu colocou sua criatividade a serviço da busca do filho e contra a ditadura. O corpo dele jamais foi encontrado. Dizem que foi jogado ao mar**

que ela já havia conquistado com sua criatividade, que Zuzu recorreu para denunciar o que ocorria no país.

Depois do desaparecimento de Stuart, as cores alegres de seus modelos foram substituídas pelo preto e pelo cinza, com correntes, crucifixos e anjos – simbolizando o martírio que viveu "seu anjo". Como os filhos de dona Felícia de Oliveira, dona Julieta Petit, dona Helena Pires, dona Ana Silva, dona Encarnação Crispim, dona Isabel Gomes da Silva, e centenas de

outras mães como ela.

Foi assim que, no auge da ditadura, Zuzu fez um desfile em Nova York e chamou a imprensa internacional. As modelos usavam quepes, com roupas e botas pesadas. Carregavam o crucifixo e os anjos como adorno. As estampas mostravam passarinhos engaiolados. Contou o que significava aquele desfile, que ela conseguiu realizar nas dependências do consulado brasileiro graças à sua astúcia. É que, caso falasse mal do governo militar em território estrangeiro, não poderia voltar ao país sem ser presa. Teve mais coragem: falou em território brasileiro, colocado em terra estrangeira.

Zuzu passou a ser perseguida e, em 14 de abril de 1976, seu carro foi abalroado, caindo num precipício ao sair do Túnel Dois Irmãos, no Rio. Hoje o túnel leva seu nome.

Através da vida de Zuzu entendemos por que, há mais de 20 anos, mulheres com lenços brancos na cabeça percorrem todas as quintas-feiras a Praça de Maio, em Buenos Aires, querendo saber dos seus filhos e netos. Ganham o Prêmio Nobel. Já foram chamadas de loucas; hoje são heroínas.

Como Zuzu, que pensava na beleza da mulher brasileira e, com seu destino, acabou representando sua parte mais bonita, a força interior de quem foi, mais do que tudo, mãe.

Como hoje é Páscoa, que significa renascimento após a morte, quero registrar que, faz 30 anos, nasceu um anjo que nos protege. É ele que deve ter conduzido o cineasta Sergio Rezende a fazer o filme que leva o seu nome. Zuzu é mais um anjo da história do Brasil.